


## O rotacismo na variedade de fala de Francisco Beltrão-PR


### *Rotacism in Francisco Beltrão (PR) speech variety*

### *El rotacismo en la variedad de habla de Francisco Beltrão-PR*

Eduarda Rocha Borghelott<sup>1</sup>

 0000-0002-1543-4165

Susiele Machry da Silva<sup>2</sup>

 0000-0002-7125-947X

**RESUMO:** Esta pesquisa, embasada nos princípios da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972), versa sobre o rotacismo, processo de variação fonético-fonológica que se caracteriza pela troca da lateral [l] pelo tepe [r] em posição de coda de sílaba (sal ~ sar) e/ou em *onset* complexo (blusa ~ brusa). O estudo, de caráter bibliográfico e experimental, buscou observar como historicamente se constitui o fenômeno, bem como sua ocorrência no estágio atual da língua, com base em dados da cidade de Francisco Beltrão-PR. A amostra de dados para o estudo experimental foi obtida por meio da realização de 14 entrevistas sociolinguísticas. O estudo aponta para o rotacismo como uma variante que faz parte da história do português, desde o latim, e que se apresenta, ainda que em baixo índice, no estágio atual da língua. Não obstante, a manifestação desse fenômeno, de acordo com os dados de Francisco Beltrão, representa estar já em desuso e, quando presente, concentrada em grupos mais específicos, tais como falantes mais velhos e com menos escolaridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** rotacismo; variação; sociolinguística.

**ABSTRACT:** This research, based on the principles of Quantitative Sociolinguistics (Labov, 1972), focuses on rotacism, a phonetic-phonological variation process characterized by the substitution of the lateral [l] for the liquid [r] in coda position of syllables (sal ~ sar) and/or in complex onsets (blusa ~ brusa). The study, both bibliographic and experimental in nature, sought to observe how this phenomenon has historically evolved, as well as its occurrence in the current stage of the language, based on data from Francisco Beltrão, Paraná, Brazil. The sample for the experimental study consists of 14 sociolinguistic interviews. The study indicates that rotacism is a variant that has been part of the history of Portuguese since its Latin roots, and exists, albeit in low frequency, in the current stage of the language. However, according to the data from Francisco Beltrão, this phenomenon already fell into disuse and,

<sup>1</sup> Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela PUCRS. Professora do Departamento Acadêmico de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

when present, is concentrated in more specific groups, such as older speakers with lower levels of education.

**KEYWORDS:** rotacism; variation; sociolinguistics.

**RESUMEN:** Esta investigación, fundamentada en los principios de la Sociolingüística Cuantitativa (Labov, 1972), aborda del rotacismo, un proceso de variación fonético-fonológica que se caracteriza por el cambio de la lateral [l] por la líquida [r] en posición de coda silábica (sal ~ sar) y/o en *onset* complejo (blusa ~ brusa). El estudio, de naturaleza bibliográfica y experimental, tiene como objetivo observar cómo se constituye históricamente el fenómeno, así como su manifestación en el estado actual de la lengua, basándose en datos provenientes de la ciudad de Francisco Beltrão-PR. La muestra de los datos para el estudio experimental se obtuvo mediante la realización de 14 entrevistas sociolingüísticas. El estudio señala que el rotacismo es una variante que forma parte de la historia del portugués, presente desde el latín, aunque su manifestación actual es notablemente menor. Sin embargo, según los datos recopilados en Francisco Beltrão, este fenómeno parece estar en desuso y, cuando se presenta, se concentra en grupos específicos, como hablantes de mayor edad y con niveles educativos más bajos.

**PALABRAS CLAVE:** rotacismo; variación; sociolingüística.

## Introdução

O processo fonético-fonológico do rotacismo refere-se à troca da lateral // por um “r”, mais comumente, pelo tepe (r brando), que pode ocorrer tanto na posição de coda de sílaba, como ca[r]ça para *caça*, como na posição de *onset* complexo, como em b[r]oco para *bloco* (Câmara Jr., 1970). Essa alternância na pronúncia da lateral é reconhecida na história da língua portuguesa. Provém do latim vulgar e é encontrada em registros de documentos escritos e em obras literárias do Brasil colonial, dos séculos XVI e XVII, a exemplo das citadas por Ali (1971): os *Lusíadas*, de Luís de Camões, e a *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Nesses escritos, há registros de formas do tipo *ingrês* para *inglês* e de *parma* para *palma*. No português atual, estudos desenvolvidos sob o viés da Sociolingüística Quantitativa (Labov, 1972) apontam que o uso do rotacismo ocorre variavelmente, estando ainda presente em algumas variedades de fala e associado, em boa parte, a falantes de áreas rurais, mais velhos e com pouca escolaridade (Costa, 2006; Espírito Santo, 2019; Romano; Fonseca, 2015).

Por estar associado, em geral, a esses grupos, o rotacismo é uma variante que tende a ser estigmatizada, e seu uso foi aos poucos ficando restrito a falantes

mais velhos. Ou seja, no estágio atual da língua, o rotacismo não se configura como uma variante inovadora, tampouco está se espalhando para outras gerações. Por outro lado, quando mantida, a ocorrência da variante, segundo Costa (2007), está mais presente na posição de ataque silábico complexo (como em *pranta* para *planta*). Na posição de coda silábica, a autora pondera que // “não seja substituído por outra líquida porque há uma regra de vocalização da lateral que se aplica antes” (Costa, 2007, p. 24). Isto é, diferentemente do que ocorre na posição de ataque silábico complexo, em que podemos encontrar os dois segmentos alveolares, na coda silábica ocorre variação e predomínio das articulações posteriores. Desse modo, a posição de coda no português brasileiro tem se configurado como mais suscetível à ocorrência de outros fenômenos — a exemplo da vocalização, processo que observamos em pronúncias do tipo ba[w]de para *balde* — do que do fenômeno do rotacismo.

Frente ao exposto, nosso objetivo nesta proposta é investigar o processo de rotacismo no português brasileiro com um olhar diacrônico para o uso dessa forma na história da língua, e com a investigação de se e como o uso do rotacismo ainda está presente no português brasileiro atual, a partir do levantamento de estudos bibliográficos sobre o fenômeno e de uma análise no município de Francisco Beltrão, localizado no sudoeste do estado do Paraná. Como já antecipado, tomamos em nossa análise as seguintes posições silábicas: *onset* complexo (*blusa* ~ *brusa*) e a posição de coda silábica (*bolsa* ~ *borsa*), ainda que esperemos por comportamentos distintos nas duas posições, com a ressalva de que o rotacismo tende a ser mais presente na posição de *onset* complexo e de que, na posição de coda, se tenha ou maior incidência da preservação da lateral<sup>3</sup>, ou ocorrência de outros fenômenos.

Por ser o rotacismo, conforme temos discutido, um fenômeno incidente em alguns grupos e relacionado à pouca escolaridade e a falantes com mais idade, nossa proposta inclui olhar para o seu comportamento na variedade dialetal em análise, tomando como referência, além dos grupos de variáveis linguísticas e

---

<sup>3</sup> Além do rotacismo, outras formas de variação do fonema // em posição de coda de sílaba são a preservação da lateral (bo[l]sa), a vocalização (sa[l] ~ sa[w]), a velarização (a[l]face ~ a[ʃ]face) e o apagamento (azu[l] ~ azu[Ø]). No entanto, é importante ressaltar que esses diferentes fenômenos não são o foco do estudo aqui apresentado.

sociais, comumente observados em estudos anteriores (Costa, 2006; Oliveira; Pereira, 2022; Sanches; Gonçalves, 2019), o comportamento do fenômeno por indivíduo. Isso permitirá ter indícios de como o rotacismo tem se difundido entre sujeitos de grupos distintos.

Os motivos para uma investigação do rotacismo no estágio atual da língua, no município de Francisco Beltrão–PR, incluem desde a formação histórica da região, formada por migrantes de origem alemã, italiana e polonesa (primeiramente instalados em regiões do Rio Grande do Sul), até aspectos geográficos, sociais e econômicos que o caracterizam. Destarte, uma mescla de fatores relacionados à formação histórico-étnica, à localização, ao crescente aumento populacional e à emergente urbanização dos últimos anos faz com que Francisco Beltrão apresente uma diversidade linguística com falares que incluem desde formas “mais antigas” (já não tão recorrentes), como o rotacismo, a vocalização da lateral palatal /ʎ/ (como em ga[j]o para *galho*), até formas mais inovadoras que têm se propagado, a exemplo da vocalização do /l/ (como em sa[w] para *sal*), da palatalização (gent[ʃi] para gente) e da harmonia vocálica (m[i]nino para *menino*).

De modo a atender aos objetivos propostos, iniciamos nossas discussões apresentando as características do rotacismo e seu comportamento no português brasileiro (PB). Em sequência, fazemos o levantamento de estudos sobre o rotacismo no PB, mapeando variedades de fala em que o fenômeno se mostra mais presente. Por fim, tratamos do uso do rotacismo no falar de Francisco Beltrão, mostrando se seu uso se faz presente nessa comunidade e como atuam os grupos de fatores sobre a sua ocorrência.

## A caracterização do rotacismo na história da língua

Como discutimos na parte introdutória, tomando por referência Câmara Jr. (1970), entendemos por rotacismo o fenômeno linguístico em que ocorre a troca da lateral /l/ por /r/, podendo ocorrer em dois ambientes silábicos: (i) na posição de *onset* complexo, como *clara* ~ c[r]ara; (ii) na posição de coda de sílaba, como *sal* ~ sa[r]. Ou seja, o rotacismo ocorre quando se troca a líquida /l/ por uma contraparte

rótica, mais comumente pelo tepe, sendo, na fala, identificada como uma pronúncia mais fraca de 'r' - [r]. Essa alternância das consoantes líquidas, já historicamente registrada, segundo Bagno (2007), contribuiu para a modificação de diversas palavras herdadas do latim na formação da língua portuguesa, como em *plāgam* > *praia*, *placīvm* > *prazo*, *ecclesīam* > *igreja*, *blandu* > *brando*, *clavu* > *cravo*, *dobro* > *duplu*, entre outras. O autor aponta que, na passagem de vocábulos do grego para o latim, esses encontros consonantais passaram por uma transformação denominada “rotatização”, em que os grupos ‘bl’ e ‘gl’ se transformaram em ‘br’ e ‘gr’, como *blandu* > *brando*; *plaga* > *praga* (Bagno, 2007).

Embora seja mais propícia essa troca, como sinalizado, em sílabas do tipo CCV (onde são recorrentes no PB os encontros consonantais do tipo “cl, fl, bl, gl, pl”), também pode ser observada em sílabas CVC (quando a líquida ocupa a posição de coda medial ou final, bastante recorrente no PB em formas como *cal*, *fal*, *sal*, *bol*, entre outras) (Coutinho, 1976).

Dados históricos, registrados por autores como Ali (1971), Coutinho (1976) e Silva Neto (1977), mostram que o rotacismo perpassa o português antigo até o português atual, com registros de seu uso desde o latim vulgar. Neste, pode-se observar indícios do fenômeno no documento *Appendis Probi<sup>4</sup>* (Silva Neto, 1977), que consiste em uma lista de palavras e grafias da língua corrente consideradas “erradas”, seguida de suas respectivas correções. Nele, verificam-se, em algumas palavras, a alternância da lateral /l/ com o tepe /r/, como em “*flagellum non fragellum*”, “*suppellex non superlex*” e “*glatri non cracli*”, e com a correção indicando o uso da lateral em lugar do ‘r’.

Desse modo, o rotacismo é interpretado como decorrente das próprias modificações registradas na história da língua, na evolução do latim para as línguas românicas, como no espanhol, italiano e francês, estando os registros de seu uso presentes tanto em dados de fala como em dados de escrita. Em dados de escrita, por exemplo, o uso do rotacismo foi averiguado em “As Crônicas” do escrivão e

---

<sup>4</sup> Esse texto, de autor anônimo, consiste numa lista de palavras e grafias da língua vernacular, seguidas pelas formas literárias. Por exemplo: *ansa non asa*, *glatri non cracli*. Isto é: não se deveria dizer *asa* nem *cracli*, pois seriam formas erradas, mas sim *ansa* e *glatri*, formas corretas. E assim estamos de posse de uma série de fatos da língua corrente e viva, invisível na língua escrita e literária (Silva Neto, 1970, p. 110).

cronista oficial do reino de Portugal Fernão Lopes, que utilizou o termo *praga* ao invés de *plaga* (Ali, 1971), e em “Os Lusíadas”, obra escrita por Camões e publicada em 1572, na qual são identificados vocábulos como *concruir* por *concluir*, *parma* por *palma*, contidos na Carta de Pero Vaz de Caminha, considerado o primeiro documento histórico do Brasil.

Em relação à fala, Silva Neto (1977) mostra registros de que, no período de colonização portuguesa, houve uma mescla de idiomas consequentes da mistura de povos como portugueses, crioulos e tupis. Nesse cenário, verificou-se que os nativos tinham dificuldades na pronúncia de alguns segmentos como /f/, /l/ e /r/, e de alguns encontros consonantais. Para a articulação desses sons, os povos realizavam adaptações, articulando-os de forma distinta do que era esperado. Entre essas adequações, tem-se a alternância de /l/ por /r/, em posição de ataque silábico como em *Fidélis* > *Fideri* (Silva Neto, 1970).

Diante da circunstância de diversidade étnica que compõe a formação da sociedade brasileira, contemplou-se em diferentes áreas territoriais elementos de uma linguagem regional. O uso do rotacismo em posição de coda silábica é um dos elementos. A presença do fenômeno pode ser vista na região nordestina e no interior paulista, a exemplo dos enxertos “[...] alma que passa a arma, e daí a aima; e balcão que passa para barcão e daí a baicão, etc.” (Silva Neto, 1970, p. 170) e “No clássico ‘O Dialeto Caipira’ de Amadeu Amaral, cuja primeira edição data de 1920 e objetiva descrever o dialeto do interior paulista, é dito que a líquida lateral em final de sílaba muda-se para ‘r’: qualquér, papér, mér, arma” (Costa, 2006, p. 56), respectivamente.

No entanto, apesar de o rotacismo estar presente historicamente na formação do português brasileiro, é uma variante que não goza de prestígio, sendo recorrentemente estigmatizada pela avaliação social. De acordo com Bagno (2007), essa valoração negativa está relacionada principalmente ao fato de o fenômeno estar mais presente na fala de pessoas menos escolarizadas, de classe social baixa e da zona rural. Nas palavras do autor, “A vocalização do /l/, a assimilação -nd- > -nn- > -n- e o rotacismo são fenômenos que caracterizam as variedades não-padrão (sobretudo rurais) do português do Brasil e, por isso, recebem uma forte carga de estigmatização [...]” (Bagno, 2007, p. 93).

Bagno (2007) ainda relata que essa perspectiva social negativa em relação ao uso do rotacismo também se dá em consequência do não reconhecimento da diversidade linguística presente no Brasil. Sendo assim, os membros que compõem a comunidade discursiva consideram aceitável apenas o uso da norma culta, difamando e ridicularizando o uso da língua não padrão.

Frente ao exposto, verifica-se que o rotacismo não é um fenômeno recente ou inovador, podendo ser visto desde o latim vulgar no português antigo e moderno, chegando ao português brasileiro. Embora presente historicamente na fala, o fenômeno tende a sofrer uma avaliação social negativa, sendo muitas vezes estigmatizado. Não obstante, observa-se que a alternância de // por /r/ ainda está presente em variedades de fala, como revelam pesquisas sociolinguísticas, algumas apresentadas na próxima seção.

## **O uso do rotacismo em variedades do português atual**

O uso do rotacismo ainda pode ser observado no estágio atual da língua, como averiguado em estudos mais recentes, realizados em comunidades de fala (Costa, 2006; Espírito Santo, 2019; Palhano, 2016; Romano; Fonseca, 2015; Sanches; Gonçalves, 2019). Tratando-se especificamente da Região Sul do Brasil, Costa (2006) constatou que, apesar da baixa produção do fenômeno na cidade de São José do Norte, ele ainda estava presente, sobretudo na fala de informantes mais velhos e com menos escolaridade. Ao averiguar possíveis influências linguísticas na troca da lateral // por /r/, a autora observou que a posição de *onset* complexo favoreceu a aplicação do processo em contraste com a posição de coda silábica. Ao olhar para a sonoridade do segmento precedente, a pesquisa revelou maior uso do rotacismo em segmentos sonoros do que em segmentos surdos.

No estado do Paraná, particularmente na cidade de Quedas do Iguaçu, Palhano (2016) verificou a aplicação do rotacismo em 32% dos dados de fala coletados. De acordo com o estudo da autora, observou-se que o fenômeno foi mais recorrente na fala de informantes com 45 anos ou mais e com ensino fundamental completo, estando pouco presente em grupos de falantes com mais escolaridade.

No que tange às variáveis linguísticas, a autora averiguou que o fenômeno foi mais utilizado quando precedido por labiais [b, p, f], seguido por velares [k, g] e vogais. Em contexto fonológico seguinte, o grupo de sílabas velares [g, q] se destacou na produção do rotacismo, seguido pelo grupo de vogais.

No que diz respeito à Região Sudeste, no estado de Minas Gerais, a alternância de // por /r/ também foi investigada por meio do estudo realizado por Romano e Fonseca (2015) no município de Itajubá. Nos resultados obtidos pela pesquisa, observou-se que o fenômeno foi mais produzido em posição de *onset* complexo, em conformidade ao que revelam também os dados de outras pesquisas (Costa, 2006). No olhar para as variáveis linguísticas, verificou-se em contexto seguinte maior produção do fenômeno em ambientes com a presença da vogal baixa central oral [a], 16% de aplicação; vogal média-baixa anterior [ɛ], 12%; e vogal alta anterior [i], 14%. Quanto às variáveis sociais, notou-se que o rotacismo esteve mais presente na fala de informantes que tinham ensino fundamental completo e idade entre 50 e 65 anos.

Sanches e Gonçalves (2019) analisaram a incidência do rotacismo em dez municípios do estado do Amapá, sendo estes: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amaparí, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. Nos dados obtidos, as autoras observaram uma baixa produção do fenômeno, totalizando 6% de aplicação na amostra composta. Em consonância com as outras pesquisas apresentadas, verificou-se que o fenômeno foi mais produzido por informantes de 50 a 75 anos e com baixo nível de escolaridade, até o ensino fundamental I incompleto ou analfabeto.

Tais dados revelam, como temos discutido, que, ainda que em baixos índices de aplicação, o rotacismo está presente em variedades de fala do português brasileiro e apresenta em comum as seguintes características: (i) ser um fenômeno de uso mais recorrente na fala de informantes mais velhos e com menos escolaridade; (ii) ser um fenômeno mais incidente nos ataques silábicos complexos (do tipo /gl, pl, fl, bl/, entre outros).

## Metodologia





Para a descrição do rotacismo, tomamos as ocorrências do fenômeno no município de Francisco Beltrão–PR. Para isso, utilizamo-nos de dados oriundos do projeto de pesquisa “Variação fonológica em língua materna: panorama sociolinguístico das Regiões Centro-Oeste e Sudoeste do Paraná”, cuja proposta foi fazer o mapeamento sociolinguístico dos processos de variação fonológica das Regiões Centro-Oeste e Sudoeste do Paraná. O projeto foi previamente apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e conta com a aprovação e o consentimento dos participantes (CAAE: 60270316.5.0000.5547).

Francisco Beltrão integra um conjunto de 42 municípios que compõem a Região Sudoeste do Paraná e está situado a uma distância de 474,41 km da capital paranaense, Curitiba. Segundo dados do IBGE (2022), Francisco Beltrão destaca-se como o maior município da região, abrangendo uma área territorial de 735.111 km<sup>2</sup>, com uma população de 96.666 habitantes.

**Figura 1** – Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão



Fonte: Wikipédia (2024).

Quanto à composição étnica, Francisco Beltrão exhibe uma notável diversidade que ecoa a história de imigração e colonização na Região Sudoeste do Paraná. Inicialmente, a área foi habitada por migrantes de origem europeia, especialmente italianos, poloneses, alemães e ucranianos, os quais primeiramente se estabeleceram no estado do Rio Grande do Sul, sobretudo nas áreas situadas no extremo sul. Esse movimento migratório foi impulsionado significativamente a partir

de 1940 com a implementação do projeto governamental "Marcha para o Oeste", promovido por Getúlio Vargas (Corrêa, 1970).

Atualmente, a economia de Francisco Beltrão está centrada na agricultura, agropecuária, indústrias e comércio. A urbanização tem crescido com a implementação de importantes centros educacionais e hospitais, tornando a cidade uma referência para as comunidades ao redor e facilitando o fluxo migratório de pessoas de outros municípios e estados. Ademais, a localização geográfica é uma característica marcante do município, a aproximadamente 96 km da fronteira com a Argentina, especialmente com a cidade de Bernardo de Irigoyen. Essa proximidade, conseqüentemente, proporciona aos habitantes de Francisco Beltrão um maior contato linguístico com falantes de espanhol devido às frequentes viagens para compras, visitas ao país vizinho e interações pessoais e profissionais.

## Composição da amostra e seleção dos informantes

Para investigar a manifestação do rotacismo no município de Francisco Beltrão, foi conduzida uma análise de dados coletados entre 2017 e 2023. Esse corpus, como já mencionado, faz parte do projeto "Variação Fonológica em Língua Materna: Panorama Sociolinguístico das Regiões Centro-Oeste e Sudoeste do Paraná". O estudo envolveu uma amostra composta por 14 informantes, todos nativos ou residentes na cidade por pelo menos dois terços de suas vidas, conforme recomendado pelos estudos labovianos. A seleção dos informantes foi realizada de forma aleatória/estratificada, considerando variáveis como sexo e idade, como detalhado no Quadro 1.

**Quadro 1 – Composição da amostra**

|           | Entre 18 e 29 anos | Entre 30 e 59 anos | 60 anos ou mais |
|-----------|--------------------|--------------------|-----------------|
| Feminino  | 2                  | 2                  | 4               |
| Masculino | 2                  | 2                  | 2               |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados foram coletados por meio de gravações de fala em computador

portátil, com apoio do *software* Audacity, a partir de instrumentos previamente organizados e aplicados na seguinte ordem: (i) nomeação e descrição de imagens; (ii) leitura e produção de frases; (iii) conversa informal sobre temas como educação, lazer, viagens, livros, e outros que fossem de interesse do participante.

Os dois primeiros instrumentos contemplavam imagens e frases que incitavam a produção ou continham itens lexicais com a lateral em *onset* silábico complexo (dados como *planta, globo, flor*) e em coda de sílaba (dados como *bolsa, calça, sol*). Na conversa informal, os informantes faziam narrativas curtas sobre um ou mais temas a partir de um roteiro de questões (ex.: “Pode me contar alguma experiência de viagem?”, “Há algo que você se lembre de sua infância?”). Ao todo, as gravações tiveram uma duração de aproximadamente 25 a 30 minutos.

## Variáveis investigadas

Conforme o exposto, este estudo analisa a incidência do rotacismo, isto é, da pronúncia da lateral // como r tepe, r vibrante ou outro fone de /r/ nas posições de coda de sílaba, ou *onset* complexo. Partimos de uma variável do tipo binária, que olha para duas possibilidades: (i) ocorrência do rotacismo (ex.: *pranta, borsa*) e (ii) não ocorrência do rotacismo (ex.: *planta, bolsa*).

Com relação às variáveis linguísticas e sociais, ao tomarmos como base pesquisas anteriores sobre o tema (Costa, 2006; Romano; Fonseca, 2015, Sanches; Gonçalves, 2019) e também as características deste estudo, decidimos por considerar os grupos de variáveis linguísticas e sociais demonstrados no Quadro 2.

**Quadro 2** – Variáveis linguísticas e sociais

| Variáveis linguísticas |                                                                                                       |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Variável               | Fatores                                                                                               |
| Posição na sílaba      | <i>Onset</i> complexo; coda de sílaba                                                                 |
| Contexto precedente    | Segmento fonético produzido anterior a lateral, incluindo:<br>(i) vogais; (ii) velares; (iii) labiais |
|                        | Segmento fonético produzido após a lateral, incluindo:                                                |

|                    |                                                                                                                                              |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Contexto seguinte  | (i) vogais; (ii) labiais; (iii) alveolares; (iv) velares                                                                                     |
| Classe morfológica | Função sintática do item lexical<br>Substantivo; verbo; adjetivo; advérbio                                                                   |
| Item lexical       | Itens lexicais que apareceram com mais recorrência na análise                                                                                |
| Variáveis sociais  |                                                                                                                                              |
| Faixa etária       | Entre 18 e 29 anos; entre 30 e 59 anos; 60 anos ou mais                                                                                      |
| Sexo               | Feminino e masculino                                                                                                                         |
| Escolaridade       | Escolaridade baixa - com ensino fundamental concluído ou não<br>Escolaridade média/alta - com ensino médio ou ensino superior<br>(completos) |
| Etnia              | Italiana; polonesa; brasileira                                                                                                               |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

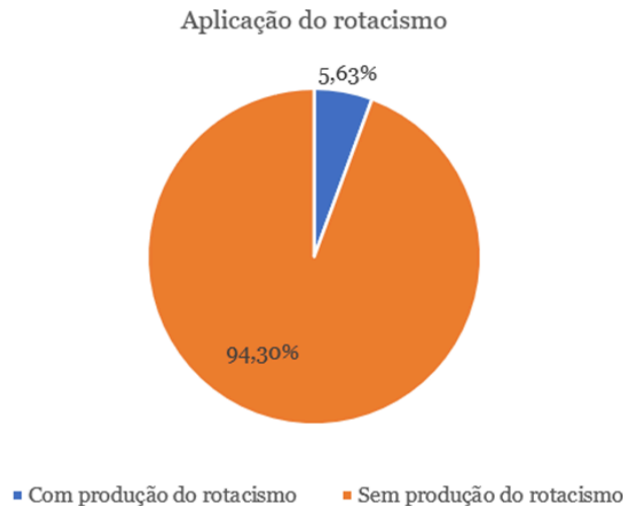
Os grupos de fatores linguísticos buscam verificar os ambientes fonético-fonológicos mais propícios para a ocorrência do rotacismo. Pesquisas sobre o tema têm indicado, por exemplo, a incidência do fenômeno em verbos, com uma preferência pela posição de *onset* complexo, especialmente quando há um contexto fonológico precedente de labiais e um contexto fonológico seguinte de velares (Costa, 2006; Oliveira; Pereira, 2022; Palhano, 2016). No que se refere aos grupos de fatores de ordem social, como já destacamos, o rotacismo tem sido observado sob a ótica de um fenômeno que tende a ser estigmatizado, mais recorrente entre falantes com pouca escolaridade e mais velhos (Costa, 2006; Romano; Fonseca, 2015). Na nossa análise, incluímos ainda uma observação dos itens lexicais da amostra, olhando para possíveis ocorrências do fenômeno em algumas palavras em correlação com os perfis de falantes.

## O rotacismo em Francisco Beltrão–PR: descrição e discussão

Após a realização de análise preliminar dos dados coletados, foi observado um total de 959 registros de palavras com lateral, consideradas as duas possibilidades de análise: (i) posição de *onset* (ex.: *blusa*, *globo*); (ii) posição de coda (ex.: *mal*, *balde*, *volta*). Dentro desse conjunto, apenas 54 dados apresentaram

a ocorrência do rotacismo. Esse número corresponde a 5,63% do total de registros, conforme demonstra o Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Aplicação do rotacismo



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 1 mostra uma incidência relativamente baixa do rotacismo no município de Francisco Beltrão. Os resultados corroboram as pesquisas de Sanches e Gonçalves (2019) e Costa (2006), que também identificaram em seus resultados uma baixa frequência do fenômeno, com 6% e 11% de ocorrência do rotacismo, respectivamente. Tais dados indicam que, na comunidade investigada, o rotacismo constitui um fenômeno praticamente em desuso, mostrando tendência de os falantes preferirem a manutenção da lateral, ou ainda outras formas, tais como a vocalização na posição de coda, bastante presente em variedades de fala do PB.

Para verificar quais grupos de fatores podem favorecer ou não o rotacismo em Francisco Beltrão, realizamos o levantamento dos dados e análises inferenciais com auxílio do pacote estatístico R, usando a ferramenta Rbrul. Após testes e cruzamentos, foram tomadas decisões de amálgamas. Nas variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte, juntaram-se as vogais e consoantes pela identificação do ponto. Na variável Classe de Palavra, organizaram-se no mesmo

grupo os dados de adjetivos e advérbios (dada sua pouca recorrência).

## Variáveis selecionadas

Na análise desenvolvida, a observação dos resultados permite evidenciar que há, na ocorrência do rotacismo, um favorecimento das variáveis Escolaridade, Etnia, Contexto Seguinte e Classe de Palavra. Em consonância ao que apontam pesquisas anteriores (Costa, 2006; Romano; Fonseca, 2015; Sanches; Gonçalves, 2019; entre outras), o fenômeno está bastante associado a variáveis sociais, especialmente a escolaridade. No que diz respeito a essa variável independente, os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1** - O rotacismo em Francisco Beltrão: escolaridade

| Fator             | Aplicação/total | Percentual de aplicação | Peso relativo | Log-Ods |
|-------------------|-----------------|-------------------------|---------------|---------|
| Fundamental       | 53/216          | 24%                     | 0,94          | 2.843   |
| Médio ou superior | 1/743           | 0,001%                  | 0,05          | -2.843  |

Log.likelihood: - 108.277      Grau de liberdade = (8)

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Os dados apresentados na Tabela 1 revelam que o rotacismo está mais presente na fala de informantes com menos escolarização, os quais possuem apenas ensino fundamental, com um peso relativo de 0,94. Por outro lado, os informantes com ensino médio ou superior demonstram uma quase ausência da aplicação do fenômeno, com um peso relativo de apenas 0,05. Esses resultados, alinhados com as descobertas de estudos anteriores conduzidos por Romano e Fonseca (2015), Palhano (2016) e Pinto e Ribeiro (2018), sustentam uma maior incidência do fenômeno no discurso de indivíduos menos escolarizados.

No que tange à etnia, a Tabela 2 ilustra em quais grupos de migrantes do município o rotacismo tende a estar mais presente. Nossas coletas contaram com dados de descendentes representantes de três grupos: brasileiros, italianos e poloneses. No entanto, o grupo de poloneses contou com apenas um informante e, por ele não apresentar rotacismo, foi excluído da análise (para se evitar viés na

análise), a qual passou a contar apenas com os dois outros grupos.

**Tabela 2** – Uso do rotacismo em Francisco Beltrão: etnia

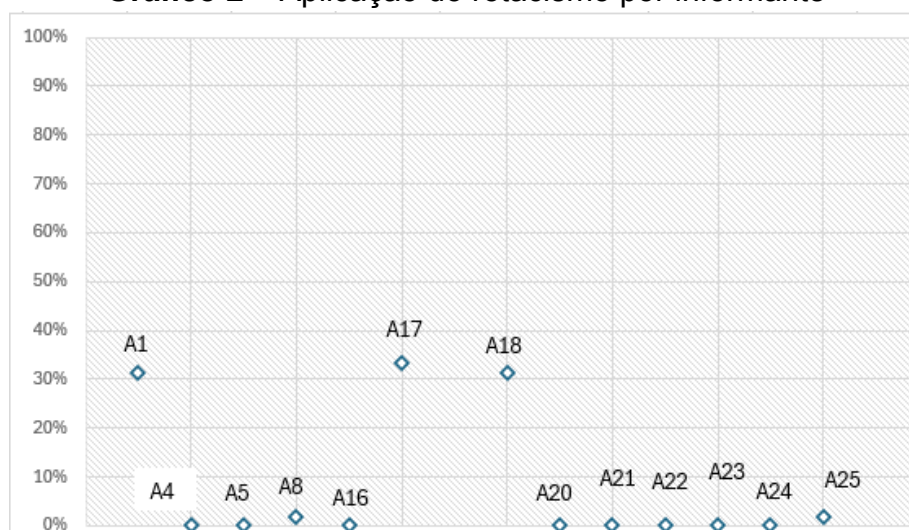
| Fator       | Aplicação/total | Percentual de aplicação | Peso relativo | Log-Ods |
|-------------|-----------------|-------------------------|---------------|---------|
| Brasileiros | 53/583          | 0,09%                   | 0,64          | 5.694   |
| Italianos   | 1/319           | 0,003%                  | 0,05          | -2.431  |

Log.likelihood: - 108.277      Grau de liberdade = (8)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, o rotacismo está mais presente na fala dos informantes de etnia brasileira, com peso relativo de 0,64, em comparação com a fala dos informantes de descendência italiana, cujo peso relativo é de apenas 0,05. Esses resultados são consistentes com o que foi observado por Silva, Borghelott e Andrade (2020), que também identificaram uma maior incidência do fenômeno na fala dos informantes de etnia brasileira, enquanto os informantes de origem italiana apresentaram um peso relativo próximo ao neutro. Esses dados revelam indícios de que o rotacismo, mesmo que com baixa frequência, está presente no município de forma mais restrita, ou seja, como um fenômeno que pouco se propaga, mas em uso por alguns moradores do município. Diante desse cenário, o objetivo foi analisar como a substituição de // por /r/ se manifestou na fala de cada participante da amostra coletada, conforme os dados expostos no Gráfico 2.

**Gráfico 2** – Aplicação do rotacismo por informante



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que o rotacismo está mais presente na fala de alguns informantes, a saber: A1 (com um percentual de 31,4%), A17 (com um percentual de 33,3%) e A18 (com um percentual de 31,4%). Esses informantes compartilham algumas características sociais, tais como: ensino fundamental (alguns o têm não concluído), faixa etária de adultos (idade entre 30 e 59 anos ou de 60 anos, ou mais); e etnia brasileira. Os informantes A8 e A25 também produziram o fenômeno, porém, com baixa frequência, ambos com 1,8% de aplicação. Já os demais informantes não fizeram uso do rotacismo.

Para as variáveis linguísticas, foram selecionadas: Contexto Seguinte e Classe de Palavras. No que tange aos resultados para o grupo de fatores do Contexto Seguinte, expostos na Tabela 3, observamos o favorecimento especialmente das consoantes velares.

**Tabela 3** – Uso do rotacismo em Francisco Beltrão: Contexto Seguinte

| Fator                     | Aplicação/total | Percentual de aplicação | Peso relativo | Log-Ods |
|---------------------------|-----------------|-------------------------|---------------|---------|
| Velares (algum, cálculo)  | 3/10            | 0,3%                    | 0,95          | 3.149   |
| Vogais (flecha, globo)    | 26/387          | 0,06%                   | 0,46          | -0.144  |
| Alveolares (balde, volta) | 23/492          | 0,04%                   | 0,26          | -1.030  |
| Labiais (alface)          | 2/70            | 0,02%                   | 0,12          | -1.795  |

Log.likelihood: - 108.277      Grau de liberdade = (8)

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Verifica-se, como já observamos, que o fator que mais favoreceu a aplicação do rotacismo foi o grupo das velares, com peso relativo de 0,95, apesar de contar com pouca recorrência de dados. As vogais apresentaram peso relativo próximo ao ponto neutro, com 0,46, não sendo um fator considerado relevante na aplicação do fenômeno. Já as alveolares e labiais parecem não ter papel no processo, apresentando pesos relativos baixos, 0,26 e 0,12, respectivamente. Esses resultados mostram conformidade com os achados de Palhano (2016), que também discute a propensão de ocorrência do rotacismo em contexto de velares.

A variável Classe de Palavra também foi selecionada pelo programa. Os



resultados obtidos para essa variável podem ser vistos na Tabela 4.

**Tabela 4** – Uso do rotacismo em Francisco Beltrão: Classe de Palavra

| Fator                                    | Aplicação/total | Percentual de aplicação | Peso relativo | Log-Ods |
|------------------------------------------|-----------------|-------------------------|---------------|---------|
| Verbos<br>(voltar, plantar)              | 22/66           | 33%                     | 0,87          | 1.946   |
| Adjetivos +<br>advérbios<br>(mal, clara) | 7/166           | 0,04%                   | 0,32          | -0.735  |
| Substantivos<br>(balde, flor)            | 25/727          | 0,03%                   | 0,22          | -1.211  |

Log.likelihood: - 108.277      Grau de liberdade = (8)

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Segundo os dados da Tabela 4, a classe gramatical dos verbos demonstra uma maior propensão à ocorrência do rotacismo, com um peso relativo de 0,87. Por outro lado, as classes gramaticais dos advérbios, adjetivos e substantivos parecem menos propensas à aplicação do rotacismo, com pesos relativos de 0,32 e 0,22 respectivamente. Semelhante resultado foi constatado por Oliveira e Pereira (2022), que também perceberam maior aplicação do rotacismo em verbos. Importante salientar a ressalva de que o instrumento utilizado na coleta dos dados desta pesquisa, como exposto na seção de metodologia, contou com tarefas de nomeação e descrição de imagens, o que acabou por favorecer o uso bem mais recorrente de substantivos. Os verbos — classe que, como se observa, tende a favorecer a aplicação do processo — são bem menos recorrentes, aparecendo mais diretamente nas entrevistas.

Na intenção de observar quais, dentre as palavras que compõem a amostra, foram mais propensas a produções com o rotacismo, realizamos o levantamento de ocorrência do fenômeno por itens lexicais, conforme registro disponível no Quadro 3.

**Quadro 3** – Aplicação do rotacismo conforme item lexical

| Realização do rotacismo |                           |
|-------------------------|---------------------------|
| Item lexical            | Ocorrências com rotacismo |
| Verbo “voltar”          | 8/24                      |
| Verbo “plantar”         | 7/23                      |
| Verbo “soltar”          | 5/5                       |
| Outros                  | 18                        |

|         |      |
|---------|------|
| Flor    | 4/25 |
| Calçado | 3/18 |
| Blusa   | 3/17 |
| Balde   | 3/34 |
| Flecha  | 3/26 |

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

De acordo com os dados apresentados no Quadro 3, é evidente uma prevalência do rotacismo nos verbos “voltar”, com 8 ocorrências, *plantar*, com 7 ocorrências, e *soltar*, com 5 ocorrências. O termo genérico “outros” engloba uma variedade de palavras nas quais o rotacismo foi aplicado, porém, com uma frequência menor, tais como *alface* (1 ocorrência), *calça* (1 ocorrência), *chiclete* (1 ocorrência), entre outros. A presença do fenômeno também é perceptível nos termos *flor*, com 4 ocorrências, *calçado*, *blusa*, *balde* e *flecha*, todos com 3 ocorrências.

Quanto ao verbo *soltar*, verifica-se que ele foi mencionado cinco vezes nos dados registrados, e, em todas as ocasiões, o rotacismo foi observado. Essa variação foi identificada no discurso do informante A18, um homem de 56 anos, enquadrado no grupo de faixa etária de adultos (30 a 59 anos), com nível de escolaridade limitado ao ensino fundamental.

## Considerações finais

Este estudo teve como propósito investigar o rotacismo no português brasileiro, com um olhar diacrônico para o uso dessa forma na história da língua, a partir de pesquisa bibliográfica, e com a investigação de se e como o fenômeno ainda está presente no português brasileiro atual, a partir de um levantamento bibliográfico de estudos anteriores sobre o uso da variante em regiões brasileiras e de uma análise da ocorrência do fenômeno no município de Francisco Beltrão, localizado no sudoeste do estado do Paraná.

Os resultados revelaram haver baixa incidência do fenômeno na cidade investigada, totalizando 5,63% de aplicação. Verificou-se estar o rotacismo concentrado na fala de alguns informantes e com baixa propagação entre as gerações mais novas. Em relação aos grupos de fatores que influenciam o

fenômeno, constatou-se que variáveis como escolaridade, etnia, contexto fonológico subsequente e classe de palavras foram consideradas relevantes para o uso do rotacismo. A escassa presença do rotacismo no município de Francisco Beltrão reforça descobertas anteriores de Sanches e Gonçalves (2019) e Costa (2006), que também identificaram uma aplicação limitada do rotacismo nas comunidades analisadas.

No que se refere aos fatores sociais, observou-se que o fenômeno foi mais aplicado por informantes de ensino fundamental e etnia brasileira. Os efeitos obtidos nas análises confirmaram a hipótese inicial respaldada em estudos anteriores (Costa, 2006; Oliveira; Pereira, 2022; Palhano, 2016), que constataram uma tendência maior de ocorrência do rotacismo na fala de sujeitos com menor escolaridade. Para os fatores linguísticos, observou-se que o rotacismo é favorecido em contexto fonológico seguinte composto por velares e pela classe gramatical dos verbos. Semelhante contexto foi verificado por Palhano (2016) quanto ao favorecimento de velares em contexto fonológico seguinte, e Oliveira e Pereira (2022), quanto à maior manifestação do rotacismo em verbos. No levantamento realizado sobre os itens lexicais de maior ocorrência do fenômeno, trata-se dos verbos *voltar*, *plantar* e *soltar*.

Não obstante, considerarmos as limitações desta pesquisa, espera-se que ela possa contribuir para os estudos acerca dos processos de variação na Região Sudoeste do estado do Paraná, bem como para a compreensão das diferentes formas linguísticas presentes na fala dos indivíduos.

## Referências

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CORRÊA, R. L. O Sudoeste paranaense antes da colonização. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 87-98, jan. 1970. Disponível em:



<https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/445>. Acesso em: 5 maio 2024.

COSTA, C. F. Análise variacionista da vocalização de // em Porto Alegre. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 1-21, ago. 2007.

Disponível em:

[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_9\\_analise\\_variacionista\\_da\\_vocalizacao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_da_vocalizacao.pdf). Acesso em: 5 maio 2024.

COSTA, L. T. *Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8036/000565418.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 maio 2024.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ESPÍRITO SANTO, J. M. F. *Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI 10.11606/D.8.2019.tde-24062020-184801.

IBGE. *Censo demográfico 2022: população*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/francisco-beltrao/panorama>. Acesso em: 5 abr. 2024.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

OLIVEIRA, M. M.; PEREIRA, S. F. O rotacismo // ~/r/ no falar dos moradores da comunidade de Bracinho do Icatú. In: SOUSA, B. M. S. C.; CAMPOS, J. P. *Linguagens, educadores e discursos: diálogos e debates*. Cametá: Universidade Federal do Pará, 2022. p. 199-210.

PALHANO, M. S. A. C. *Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu*. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2016.

PINTO, V. M. R.; RIBEIRO, T. L. O “erre” caipira: análise variacionista do rotacismo. *Web Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 9, n. 25, p. 257-283, jul. 2018.

Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7843/5657>. Acesso em: 5 maio 2024.

ROMANO, V. P.; FONSECA, C. G. Uma abordagem sociodialeológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG. *Web Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 6, n. 16, p. 395-401, 2015.

SANCHES, R. D.; GONÇALVES, R. M. O rotacismo na fala de amapaenses. *Web*

*Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 10, n. 29, p. 122-140, nov. 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7993/5757>. Acesso em: 5 maio 2024.

SILVA, S. M.; BORGHELOTT, E. R.; ANDRADE, V. A pronúncia da lateral // no sudoeste do estado do Paraná. *Entre Palavras*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 59-76, jan./abr. 2020. DOI 10.22168/2237-6321-11753.

SILVA NETO, S. S. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1970.

SILVA NETO, S. S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

WIKIPÉDIA. *Francisco Beltrão*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Beltr%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Beltr%C3%A3o). Acesso em: 01 abr. 2024.

*Recebido em: 25 abr. 2024.*  
*Aprovado em: 25 maio 2024.*

*Revisor de língua portuguesa: Paulo Roberto Braga Junior*  
*Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi*  
*Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*

